

FRONT: UMA LINGUAGEM DE URGÊNCIA OU O PAÍS QUE ME HABITA

Valéria Lourenço - IFCE¹

*Eu pus em palavras
o que não era de falar²*

O romance *Front*, de autoria de Edimilson de Almeida Pereira, pode ser lido como o último livro da trilogia “Náusea” e foi lançado em 2020 pela editora Nós, de São Paulo. Inaugurando a passagem do autor pela prosa ficcional, a trilogia surpreende o leitor desde o processo de publicação. Ao contrário do que acontece geralmente com as trilogias, em que os livros são publicados com um breve espaço de tempo, por vezes, na mesma editora, os três romances que compõem “Náusea” foram lançados quase no mesmo momento e por editoras diferentes: *O ausente* foi publicado pela Relicário (Minas Gerais, 2020) e *Um corpo à deriva* pela Macondo (Minas Gerais, 2020).

Nesse sentido, o próprio modo de trazer esses romances ao público dialoga com o que vamos perceber na narrativa: a construção se dá através de pistas. Enquanto na trilogia “Náusea” somos convidados a buscar os livros publicados em diferentes lugares, em *Front*, caminhamos ao lado do personagem principal para, juntamente com ele, recolher rastros, ruídos, revirar o monturo e, a partir do lixo, no caso do protagonista, e da linguagem, para nós, leitores, construir outros significados para “este país que nos habita”.

Apesar de nos brindar com uma narrativa inaugural no romance, Edimilson de Almeida Pereira tem uma longa trajetória como poeta, escritor de literatura infanto-juvenil, ensaísta, professor e pesquisador da cultura e das religiosidades afro-brasileiras. Nascido no ano de 1963, em Juiz de Fora, Minas Gerais, onde graduou-se em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em 1986, o autor é também Especialista e Mestre em Ciência da Religião pela mesma Instituição. cursou ainda o Mestrado em Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e é Doutor em Comunicação e Cultura pelo convênio UFRJ-UFJF. Em março de 2002, concluiu o Pós-doutorado em Literatura Comparada na Universidade de Zurique, na Suíça e, atualmente, é professor titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

¹ Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE campus Crateús, doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará - UFC.

² PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Poesia+*. São Paulo: Editora 34, 2019. p.242.

Com um olhar de quem por muitos anos conviveu e pesquisou entre comunidades negras tradicionais, como podemos acompanhar em *Negras raízes mineiras: os arturos* (2000), *Assim se benze em Minas Gerais* (2004) e *Os tambores estão frios* (2005), somente para citar alguns títulos, Edimilson de Almeida Pereira sabe que, para grupos “invisibilizados”, muitas vezes, mesmo o que não está dito anuncia e denuncia. Além disso, como poeta, também compreende o quanto o silêncio é necessário para a construção de sentidos na escrita. O que cala também fala. E, no caso da epígrafe que abre este texto, o eu-lírico avisa que falará o que ficou em silêncio. Afinal, como mais um poema do próprio Edimilson nos sinaliza: “a voz é o instrumento depois que os outros foram proibidos. Nenhum tambor ou corda para dizer o que parecendo ninfa era convocação à revolta (PEREIRA, 2019, p. 109). Neste caso, estamos diante de grupos étnico-raciais que, por muito tempo, ousaram pensar revoluções, e imaginar novas possibilidades de vida, fosse através do corpo, da voz ou mesmo, e também, do silêncio. Afinal, por muitos séculos, as estruturas de dominação não permitiram que essas vozes fossem escutadas ou que tivessem ao menos um espaço para articulação (KILOMBA, 2019).

Composto por 16 capítulos, *Front* narra a história do homem-árvore, o personagem principal do romance, que é também o narrador, que não quer ser nomeado e, por isso mesmo, pode ser cada um de nós. Em seu argumento, ele afirma: “Nunca quis um nome próprio para me servir de âncora” (PEREIRA, 2020, p. 17) mas, como havia sinalizado nas páginas iniciais do romance, “Aliás, fúria poderia ter sido meu nome de batismo” (PEREIRA, 2020, p. 11). Ao longo da leitura, o leitor compreende a escolha do homem-árvore pelo substantivo que, muitas vezes, nos remete à ideia de violência extrema.

Dividido em duas partes, inicialmente, a narrativa está centrada na infância e adolescência do protagonista, em um bairro que fica à margem de algum centro urbano. Acompanhando o desenho realizado pelo homem-árvore e conhecendo um pouco da topografia das grandes cidades brasileiras, poderíamos pensar em uma favela, mas ele não nomeia assim o espaço a partir de onde conta sua história: “Apesar das proibições impostas pelas autoridades, as casas do *bairro* se adaptaram ao terreno irregular e se enovelaram na encosta. Vivíamos dessa arquitetura que nos deu abrigo e forma (PEREIRA, 2020, p. 37, grifo nosso). É de dentro desse bairro que saem as histórias do homem-árvore. Dali, podemos acompanhar parte do dia dele, de Silas e de Cola, seus amigos inseparáveis, e sua reflexão sobre seu lugar de homem negro no país que ele habita:

“O que nos espera no fim do túnel?”

A julgar pelas estatísticas, nada” (PEREIRA, 2020, p.11). Apesar de não descrever a que raça pertence, sabemos que o homem-árvore é um homem negro que segue sobrevivendo mesmo em meio a tanta violência.

E é ali, naquele espaço, ainda na infância-adolescência, que ele e seus companheiros começam a imaginar outros futuros. Primeiro, encontram um livro sem autoria que decidem tomar para eles: “O Silas tinha suas dúvidas e suas razões. Foi com a ajuda dele que recuperamos um livro danificado. *Colamos as páginas, emendamos as palavras, ajuntamos outros textos aos que haviam sobrado e fizemos uma capa nova* (PEREIRA, 2020, p. 20, grifos nossos). Ainda sobre o livro:

É certo que me ajudaram na restauração da capa, porém, a maior parte do que foi reescrito ficou por minha conta. Isso me deu alguma autoridade sobre a obra porque eu, mais do que os outros, havia soprado outra vida no corpo abandonado. Foi com esse livro que me iniciei na arte de contar histórias (PEREIRA, 2020, p. 22).

Podemos pensar no livro encontrado, rasurado e sem algumas páginas, como a própria história oficial brasileira em que, tantos fatos foram ocultados e que, agora, seguem sendo revisitados, reescritos e imaginados por outras mãos.

Depois, já no monturo, o homem-árvore e os amigos se deparam com um “transistor azul que acendia e apagava” (PEREIRA, 2020, p. 25) e que eles passam a consultar como a um oráculo. “Para o oráculo não havia sabedoria maior nem menor [...]. A sua sorte é que, do alto da infância, prontos para mergulhar num tempo zero, sabíamos outras coisas fora das palavras (PEREIRA, 2020, p. 25). Aqui, uma vez mais nos deparamos com o poder das palavras, do silêncio, mas também de outras formas de falar.

A segunda parte do romance se passa durante algumas horas na fila de uma casa de lotérica do bairro. Agora, é dali que o protagonista segue analisando sua vida e a de pessoas como ele, que teimam em permanecer vivas, existir, resistir e contar outras histórias.

Estou escrevendo um fluxo: vivido em poucas horas, enquanto aguardo na fila a minha vez de fazer um pagamento. Esse fluxo é ágil, porém atado às horas mortas, aos dias vencidos, aos séculos sequestrados. Se tem a aparência de um diário ou um romance, pouco importa: é um fluxo, algo que quase conhecemos (PEREIRA, 2020, p. 58).

Neste trecho, podemos fazer um elo entre o homem-árvore e sua infância, quando ele queria reescrever as histórias contidas no livro encontrado no lixo, através de um processo de colagem, de edição, logo, de seleção e exclusão. O desejo do menino, agora um homem, seguia vivo na fila da lotérica. E ele reafirma o que parecia saber desde antes: que para contar sua história,

muitas vezes, a forma que o ensinaram não dará conta do que precisa partilhar. Afinal, ele está escrevendo um fluxo.

Assim, nos dois momentos da narrativa, é o protagonista quem nos convida a costurar de forma coletiva o sentido de seus silêncios, mas também de seus pensamentos, suas frases e histórias. Se é do ferro-velho que ele precisa retirar o significado para seus dias, é também seguindo os rastros e fragmentos do texto que precisamos dar uma forma e um sentido para o que temos em mãos. Afinal, “Sim, há outras histórias, entende? Outra língua: que excede tanta sede” (PEREIRA, 2020, p. 13).

No prefácio da edição nigeriana do livro *O genocídio do negro brasileiro*, de Abdias do Nascimento, Wole Soyinka, escritor nigeriano e ganhador de um Nobel de Literatura, afirma que a expressão “genocídio” chocará o leitor. Estamos falando de um texto de 1978. No entanto, o narrador de *Front* também faz uso da mesma palavra e sabe o quanto ela incomoda: “Genocídio é uma palavra pesada, condizente com os horrores que rodeia” (PEREIRA, 2020, p.53), mas nem por isso se priva de usá-la, nomeando o que muitos preferem esconder.

Desse modo, talvez a palavra genocídio seja a que melhor nomeia o ataque sofrido cotidianamente pelos negros brasileiros, desde a chegada dos primeiros navios negreiros. Quando o homem-árvore remete à escravidão no Brasil: “A expressão “queimar navios” me aterroriza: quando isso acontecia, é provável que estivéssemos lá dentro (PEREIRA, 2020, p. 64), ele se coloca de um determinado lado da história, o do negro que, possivelmente, estaria sendo queimado. Mas não se trata de uma história que ficou no passado. Ao contrário, está na ordem do dia do Brasil: “Quando estava grande demais, esse medo chamava seus companheiros, então empurravam nossas portas (PEREIRA, 2020, p. 29). Tal cena nos remete a um local que poderíamos, mais uma vez, pensar tratar-se de uma favela e descreve a violência policial a que os moradores desse espaço são cotidianamente submetidos. Não deve ser difícil para qualquer um de nós lembrar dos depoimentos dos sobreviventes da chacina do Jacarezinho, ocorrida no Rio de Janeiro no último mês de maio, mas que poderia se referir a qualquer outra favela do Brasil.

Front é um texto que usa uma outra linguagem: “Desse medo extraímos a capacidade do cálculo. Traduzido em linguagem de urgência, isso significa saber a hora de apertar a garganta do monstro” (PEREIRA, 2020, p. 38). Afinal, o homem-árvore tem pouco tempo para contar sua história. Isso traz agilidade à narrativa. E é o próprio personagem que nos auxilia na reflexão sobre a linguagem utilizada no romance, acelerada, estilhaçada:

Fazer romance com a imprecisão do sonho é um modo de chegarmos perto do que fomos. Ou somos. *Escrever, para quem revirou o monturo, é recusar os ingredientes de sempre. Se as vidas são outras, para contá-las é preciso uma letra oito: firme e afiada. Escrevo um fluxo [...] O fluxo é um texto que invento agora, mas que pode desfazer a qualquer momento* (PEREIRA, 2020, p. 57, grifos nossos).

Ainda sobre a linguagem, tomamos a liberdade de aproximar a escrita de Edimilson de Almeida Pereira da poética de Léon-Gontran Damas, um dos fundadores do movimento *Négritude*. Ao analisar a escrita de Damas e traduzir alguns dos textos do autor que, apesar de nascido na Guiana Francesa, região que faz fronteira com o Brasil, é quase desconhecido em nossa cena literária, as pesquisadoras e professoras Camila do Valle e Rosa Marín trazem a seguinte reflexão: “Essa oralidade e essa raiva não podem ser confundidas com descompromisso em relação à linguagem ou à poesia. Ao contrário, são ingredientes reveladores de sua profunda seriedade e sentido do trágico presente no cotidiano” (VALLE; MARIN, 2011, p.51). É percebendo a oralidade como potência criadora e transformadora que delineamos a forma, ou seja, “o como” a história do homem-árvore é contada, como item central para a narrativa.

Front pode ser lido como um romance que desenha para o leitor a “antipoética do genocídio” (GRAÇA, 1998) ao denunciar a violência que está impregnada sobre os corpos negros e também não matá-los mais uma vez: “Não haverá mortos nesta história. Me recuso a enumerar as vítimas. Nunca penso na morte porque a sei próxima demais” (PEREIRA, 2020, p. 57). Além disso, há uma humanização dos personagens que cruzam o caminho do homem-árvore. Todos eles sempre têm uma história de vida que diz muito sobre cada um. O próprio homem-árvore, que, mesmo tendo nascido e crescido em meio a tantas privações, enchentes e violências, tenta cotidianamente subverter o destino que lhe foi reservado, como destacamos a seguir: “Apesar de tudo, eu gostava de ler” (PEREIRA, 2020, p. 19) e “Tanto quanto colecionar as cápsulas deflagradas, depois da passagem dos agentes pelas vilas do bairro, eu lia” (PEREIRA, 2020, p. 20).

A história do personagem principal não deve ser lida como isolada das centenas de narrativas de homens e mulheres negros brasileiros. Ao contrário, o homem-árvore nos permite conhecer a trajetória de uma coletividade que, não por acaso, na última década tem lido mais, alcançado espaço nas universidades e imaginado outros mundos possíveis. Diante disso, o próprio espaço da literatura brasileira tem-se tornado um território contestado (DALCASTAGNÈ, 2012) em que vozes e personagens que antes figuravam somente como objetos, tornam-se sujeitos e também autores e autoras de suas narrativas. No entanto, ainda hoje, são os negros que estão em maior número em vários marcadores de desigualdades sociais

que assolam o país: baixa escolaridade, falta de acesso ao saneamento básico, maioria nos presídios.

“Vinguei.

Outros, no entanto” (PEREIRA, 2020, p. 41). Contrariando as estatísticas, o homem-árvore e seus companheiros criam, mesmo com restos do ferro-velho, e sonham outros futuros. Afinal, é no museu do personagem Jean-Charles que os objetos antes “despedaçados, quase invisíveis evidenciam que somos uma constelação” (PEREIRA, 2020, p. 93). Recriando, inclusive, a lógica colonizadora dos museus, “Jean-Charles tem razão: o Museu é a derrota de certas memórias que nos encarceram. Reunida e soprada nesse Museu, a vida não é uma senha para o esquecimento. No Museu de Jean-Charles, o que viveu dança pelas ideias que traz em si” (PEREIRA, 2020, p. 96) e, desse modo, o homem-árvore e seus companheiros de jornada colam outras histórias àquelas imaginadas para eles, desfazem parágrafos e inventam uma língua para outra vida.

Entretanto, é na linha de frente da guerra cotidiana que o homem-árvore e pessoas como ele precisam estar a salvo: “O perigo aumentou, insiste a Saúde Pública. Talvez não saibam o que isso significa. Eu sei, me ensinaram de berço. Tenho insistido publicamente em estar vivo. A salvo no *front*” (PEREIRA, 2021, p. 66, grifo do autor). Para homens como o protagonista, não se tem muita escolha a não ser lutar para sobre-viver. “Vive-se no limite da exigência quando tudo o que se tem é a própria vida. Isso nos torna insubmissos, descontentes com a usura, duros com o destino” (PEREIRA, 2020, p. 37). Mas ele também fala de esperança ao pensar nas gerações futuras: “Naquela tarde em que nos mataram há outra - com meninos brincando na chuva - onde ressuscitamos” (PEREIRA, 2020, p. 71).

O homem-árvore, ao contrário do que poderia prever a história única (ADICHIE, 2010), tem raízes e segue, com a ajuda dos livros, recriando seu destino: “Eu me esquecia da fome indo através das histórias. Ou, descobri mais tarde, as histórias me davam a consciência de que não nascíamos para a fome” (PEREIRA, 2020, p. 19). Tal tarefa é árdua e exige um esforço constante em um país que produz esquecimentos todos os dias, como afirma o protagonista: “A passagem dos anos me ensinou a esquecer tanto quanto a lembrar. Essas duas partes da balança deveriam ser equilibradas, mas não são” (PEREIRA, 2020, p. 78).

Como um intelectual que tem consciência de seu lugar no mundo, o escritor-professor-poeta, Edimilson de Almeida Pereira, prossegue, através da prosa e da poesia, imaginando outras possibilidades para pessoas que nunca foram sequer sonhadas pelo estado brasileiro. E é um trecho do livro que, mais uma vez, nos auxilia: “Repito para não esquecer, até o dia em que for um escritor. Escreverei sobre o país que me habita. Para matar o país monstruoso onde

peessoas são alvejadas para serem vistas” (PEREIRA, 2020, p.103). E é aqui, neste espaço ficcional, que o autor e o homem-árvore se confundem e, em uníssonos, através da fala, anunciam desejos para os dias que vêm vindo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma única história. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>. Acesso em 04 jun. 2021.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

GRAÇA, Antônio Paulo. *Uma poética do genocídio*. Rio de Janeiro: TopBooks, 1998.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

LITERAFRO. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/225-edimilson-de-almeida-pereira>. Acesso em: 04 jun. 2021.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Poesia +* (antologia 1985-2019). São Paulo: Editora 34, 2019.

_____. *Front*. São Paulo: Nós, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*.

VALLE, Camila do; MARIN, Rosa A. O estudante negro e a Negritude em Paris nos anos 20 e 30 do século XX: destaque para o poeta Léon-Gontran Damas. In: SISS, Ahyas; MONTEIRO, Aloísio. *Educação e etnicidade: diálogos e ressignificações*. Rio de Janeiro: Quartet, Leafro, 2011. p.45-68.

Recebido em: 30/02/2021

Aprovado em: 15/05/2022

Publicado em: 11/11/2022



10.29281/r.decifrar.2022.1a_15